

OS TERRITÓRIOS OCUPADOS PELAS PERSONAGENS EM SITUAÇÃO DE RUA EM *MAREMOTO*

BIANCA BECKER PERTUZATTI¹; GUSTAVO HENRIQUE RÜCKERT²

¹Universidade Federal de Pelotas – biancapertuzatti.bbp@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gh.ruckert@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A sociedade atual é regida por um sistema neoliberal marcado por desigualdades, que em prol do lucro produz um número cada vez maior de pessoas consideradas dispensáveis, as quais são definidas por BAUMAN (2005) como “seres humanos refugados”. Um dos exemplos extremos deste grupo é a população em situação de rua, crescente em diversos países; em Portugal, contexto que interessa a esta pesquisa, dados da Estratégia Nacional para Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo (ENIPSSA) apontam um aumento de 117% de pessoas vivendo nesta situação entre 2018 e 2023 (ENIPSSA, 2020; 2024).

Esta população é composta por um grupo heterogêneo de pessoas que tem o seu direito à habitação negado, vivendo, assim, nos espaços públicos, em abrigos de emergência, em locais precários ou em alojamentos temporários (cf. PORTUGAL, 2024). Tais pessoas estão concentradas no centro das grandes cidades, onde, apesar de suas presenças expostas, continuam sendo invisibilizadas por uma estrutura sustentada em discursos que as estigmatizam como “perigosas”, “vagabundas”, “sujas”, “loucas”, entre outros (cf. MATTOS, FERREIRA, 2004).

Na literatura contemporânea portuguesa esta invisibilização também ocorre, o que pode ser observado na ausência de representações de personagens em situação de rua em obras literárias. Entretanto, algumas narrativas rompem esta lógica ao colocarem estas pessoas no centro, é o caso de *Maremoto* (2021), obra escrita pela portuguesa nascida em Angola Djaimilia Pereira de Almeida, que traz a história de Boa Morte, um imigrante angolano, e Fatinha, uma são-tomense nascida em Portugal, ambos personagens em situação de rua que habitam o Chiado, bairro central de Lisboa.

Dessa forma, analisar *Maremoto*, por um lado, contribui para o debate atual sobre as pessoas em situação de rua e, por outro lado, permite compreender quais as alterações que ocorrem nas narrativas literárias ao direcionar o foco para estas personagens escassamente representadas na literatura.

Nesse sentido, um foco de análise pertinente é o território, que, segundo HAESBAERT (2024), é o resultado das relações de poder que atravessam os espaços. Dentro desta perspectiva, HAESBAERT (2024) propõe, baseado nos estudos de Lefebvre, dois processos que compõem a territorialização: o domínio, referente ao controle da dimensão funcional dos territórios, e a apropriação, referente ao controle da dimensão simbólico-cultural. Estes processos, por sua vez, permitem observar como as pessoas em situação de rua sofrem desterritorializações, ou seja, como elas enfrentam obstáculos que as impedem de exercer efetivo poder sobre os espaços que ocupam, ao mesmo tempo que elas se reterritorializam, encontrando modos de utilizar os recursos disponíveis e contornar ainda que parcialmente as limitações (HAESBAERT, 2024).

Dito isso, o objetivo deste trabalho é analisar como são representados, na obra *Maremoto*, os territórios ocupados pelas personagens em situação de rua.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado, na qual foi realizada uma pesquisa bibliográfica centrada na obra *Maremoto*, de Djaimilia Pereira de Almeida, visando a análise de como são representados, na referida obra, os territórios ocupados pelas personagens em situação de rua. Concomitantemente, foi realizada a leitura dos estudos teóricos e críticos que fundamentaram a análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

LEHNEN (2015) afirma que ao focar nos espaços e sujeitos marginalizados (no sentido socioeconômico), as narrativas transformam os mapas das metrópoles, pois estes espaços e sujeitos, normalmente apagados ou postos em segundo plano, passam a ser o centro de gravidade da cartografia urbana. Nesse sentido, a obra aqui analisada, ao focar nas personagens em situação de rua, altera o mapa de Lisboa explicitando as fronteiras internas, visíveis e invisíveis, que separam o centro da cidade e atuam na desterritorialização das personagens.

Estas fronteiras são compostas, por um lado, pelas condições precárias em que vivem as personagens, as quais limitam as suas possibilidades de mobilidade e são apresentadas, em *Maremoto*, a partir do contraste com a beleza e a riqueza do Chiado e da elite que o frequenta. Um exemplo disso é quando Boa Morte, como narrador homodiegético que escreve para a filha que abandonou, alterna entre a descrição da caridade que recebe quando sua hérnia o impede de trabalhar e a saudade que sente do Chiado:

Dias e dias sem pegar no serviço, a comer de caridade, um homem se sente um trapo, menos do que um trapo, filha, me sinto um nada. Chiado, lugar bonito, quando estou bom vou até à loja das luvas, fico a ver as montras de luvas de senhora, lojas de café e de chocolates, lojas de atoalhados, vou vendo as prendas todas que te queria enviar: croissants acabados de sair do forno, toalhas turcas, bombons. Chego a ficar deitado a arder de febre três semanas inteiras [...] (ALMEIDA, 2021, p. 104).

Neste trecho a descrição do seu estado de “trapo”, vivendo de caridade sem acesso ao sistema de saúde, é um indicador de como as suas condições precárias o limitam. Ao mesmo tempo, a alternância deste estado com a beleza e a fartura que compõem o Chiado acentuam, através do contraste, a precariedade de sua vida, estabelecendo, por exemplo, o seu status de “consumidor falho” (BAUMAN, 2005), alguém considerado dispensável por não ter dinheiro para consumir os bens de consumo que ele observa nas vitrines.

Por outro lado, muitas fronteiras são parte do que HAESBAERT (2015) define como “contenções territoriais”, técnicas que buscam a segregação espacial de grupos estigmatizados. Estas são sustentadas, por sua vez, pelas políticas da insegurança e do medo que produzem discursos estigmatizantes que direcionam a culpa da violência e da insegurança para os seres humanos refugados. Em *Maremoto* isto é exemplificado pelo tratamento hostil direcionado a ambas as personagens, que são ignoradas, recebem olhares de desprezo e até xingamentos por parte da elite que frequenta o Chiado. Além disso, é

exemplificado pela restrição da circulação das personagens nos espaços públicos e estabelecimentos comerciais, o que é observável no modo como Fatinha tem seu acesso a um restaurante negado mesmo Boa Morte tendo dinheiro para pagar o seu consumo ou, ainda, no modo como lhe proibem de utilizar o transporte público.

Entretanto, a desterritorialização reforçada por estas fronteiras não ocorre de modo isolado, sempre há um movimento contrário de (re)territorialização, mesmo que, no caso das pessoas em situação de rua, seja realizada de modo precário devido a escassez de recursos e a estrutura violenta que age sobre elas.

Em *Maremoto*, a rede de afetos que as protagonistas constroem entre si e o modo como elas ocupam os espaços públicos para momentos de lazer são formas de (re)territorialização, o que pode ser observado neste trecho narrado por Boa Morte: “A Fatinha a dar corrida aos pombos, a correr, a dançar de braços abertos na praça. Jardel a ladrar ao vento. Me esgueirei para perto da estátua e fiquei a vê-los. São o que tenho nessa vida” (ALMEIDA, 2021, p. 148). Neste trecho é possível ver, ainda, como o *Jardel*, cachorro que acompanha Boa Morte, também é parte desta rede de afetos; segundo uma pesquisa de CUNHA (2015, *apud* SICARI, ZANELLA, 2018, p. 667) a relação entre as pessoas em situação de rua e seus animais “é de companheirismo e proteção, pois os animais auxiliam na vigilância e nos riscos de estar em situação de rua”.

Por fim, outro exemplo de territorialização são as múltiplas possibilidades que a escrita permite. Nas palavras de DALCASTAGNÉ:

Escrever, especialmente para aqueles que recém adquiriram essa capacidade, também pode ser uma maneira de reafirmar sua presença no mundo. Colocar-se em palavras seria, nesse caso, uma forma de ser alguém, de participar de uma coletividade marcada pela escrita e, ao mesmo tempo, ser reconhecido como indivíduo, portanto, único (2023, p. 46).

Nesse sentido, em *Maremoto*, a escrita de Boa Morte para Aurora, sua filha abandonada, é a única forma que encontra de aproximar-se dela e, simultaneamente, afirmar a sua própria presença no mundo, como ele mesmo reconhece:

Preciso de me saber a escrever, saber-me a escrever dá-me noção da minha existência. Volta que volta, penso que falo sozinho, me apetece mandar tudo à fava, esquecer minha carta. Só então entendo que, enquanto te procuro, Aurora, estou acompanhado (ALMEIDA, 2021, p. 164).

4. CONCLUSÕES

A análise de *Maremoto*, partindo do enfoque nos territórios ocupados pelas personagens em situação de rua, permitiu observar algumas mudanças em relação às narrativas urbanas tradicionais. Ao inserir estes sujeitos refugados na cartografia a obra revela territórios desiguais marcados por fronteiras, ao mesmo tempo que contribui para uma visão mais sensível das pessoas em situação de rua ao mostrar suas formas de resistência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D.P. Maremoto. In: ALMEIDA, D.P. **Três histórias de esquecimento**. Lisboa: Relógio D'água, 2021, p. 89-184.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DALCASTAGNÈ, R. Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, R.; LEAL, V. (Org.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. 2 ed. Porto Alegre: Zouk, 2023. p. 39-54.

ENIPSSA. **Inquérito de caracterização das pessoas em situação de sem-abrigo: Síntese de resultados, 31 dezembro 2018**. Enipssa, 19 fev. 2020. Acessado em 26 ago. 2025. Disponível em: <https://www.enipssa.pt/documents/10180/11876/Inqu%C3%A9rito+de+caracteriza%C3%A7%C3%A3o+das+pessoas+em+situa%C3%A7%C3%A3o+de+sem-abrigo+-+31+dezembro+2018+%E2%80%93+S%C3%ADntese+de+resultados/c982be2-475e-42e4-9be6-756c09a2ed9f>

ENIPSSA. **Inquérito de caracterização das pessoas em situação de sem-abrigo: síntese de resultados, 31 dezembro 2023**. Enipssa, 2024. Acessado em 26 ago. 2025. Disponível em: <https://www.enipssa.pt/documents/10180/11876/S%C3%ADntese+de+resultados+2023+-+Inqu%C3%A9rito+de+caracteriza%C3%A7%C3%A3o+das+pessoas+em+situa%C3%A7%C3%A3o+de+sem-abrigo/6fef4b31-d76c-4c20-a80a-4e2725956b65>

HAESBAERT, R. Sobre as i-mobilidades do nosso tempo (e das nossas cidades). **Mercator**, Fortaleza, v. 14, n. 4, Número Especial, p. 83-92, dez. 2015.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2024.

MATTOS, R.; FERREIRA, R.. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 47-58, maio/ago, 2004.

PORTUGAL. **Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2024**. Lisboa, Diário da República, 2024. Acessado em 28 de agosto de 2025. Disponível em: https://pessoas2030.gov.pt/wp-content/uploads/sites/19/2024/04/RCM-n.61.2024_02.04.pdf

SICARI, A.; ZANELLA, A. Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, nº4, p. 662-679, out.-dez., 2018.